



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

# IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 10, Issue, 07, pp. 38282-38285, July, 2020

<https://doi.org/10.37118/ijdr.19557.07.2020>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR E AS PERSPECTIVAS DE ENFRENTAMENTO: POR UMA ATUAÇÃO INTERSETORIAL NA SAÚDE ESCOLAR

\*<sup>1</sup>Vita Guimarães Mongiovi, <sup>2</sup>Constance Majoi de Melo, <sup>3</sup>Andrea Loureiro Roges, <sup>4</sup>Ednaldo Cavalcante de Araújo and <sup>5</sup>Vânia Pinheiro Ramos

\*<sup>1</sup>Doutorado em Enfermagem, Universidade Federal de Pernambuco, Faculdade Pernambucana de Saúde (Recife, Pernambuco, Brasil); <sup>2</sup>Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Pernambuco (Recife, Pernambuco, Brasil); <sup>3</sup>Doutorado em Enfermagem, Universidade Federal de Pernambuco (Recife, Pernambuco, Brasil); <sup>4</sup>Doutorado em Ciências da Saúde, Universidade Federal de Pernambuco (Recife, Pernambuco, Brasil); <sup>5</sup>Doutorado em Neuropsiquiatria e ciências do comportamento, Universidade Federal de

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 17<sup>th</sup> April, 2020

Received in revised form

26<sup>th</sup> May, 2020

Accepted 08<sup>th</sup> June, 2020

Published online 30<sup>th</sup> July, 2020

#### Key Words:

Violência, Serviços de saúde escolar, Educação em saúde; Colaboração intersetorial

\*Corresponding author: Vita Guimarães Mongiovi

### ABSTRACT

Este estudo objetivou analisar a percepção de gestores e docentes sobre violência no contexto escolar e as perspectivas de enfrentamento. Trata-se de pesquisa qualitativa, descritiva e analítica desenvolvida numa escola pública de referência em Ensino Médio. Os dados foram coletados por 10 entrevistas semiestruturadas com gestores e docentes e analisados pela Análise de Conteúdo de Bardin. A análise resultou em 4 categorias: Violência no contexto familiar e comunitário, Violências no cotidiano escolar, Papel da escola no enfrentamento à violência, A importância da formação cidadã. A violência na escola foi afirmada como advinda do contexto familiar e comunitário, reproduzida na escola de natureza física e psicológica, e de caráter simbólico mediante *bullying*. À escola atribuiu-se o papel de enfrentamento à violência com atuação educativa processual, crítica e dialógica. A parceria intersetorial com a área da saúde pode contribuir para a formação integral e cidadã de crianças e adolescentes.

Copyright © 2020, Vita Guimarães Mongiovi et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Vita Guimarães Mongiovi, Constance Majoi de Melo, Andrea Loureiro Roges, Ednaldo Cavalcante de Araújo and Vânia Pinheiro Ramos, 2020. "Violência no contexto escolar e as perspectivas de enfrentamento: por uma atuação intersetorial na saúde escolar", *International Journal of Development Research*, 10, (07), 38282-38285.

## INTRODUÇÃO

A violência na escola é um fenômeno que vitima crianças e adolescentes, que provoca impactos sobre o desenvolvimento e a saúde humana, se apresentando mediante agressões de natureza física, verbal e psicológica, que partem da intimidação, insultos, assédio, exclusão e discriminação, sendo a intimidação sistemática, ou *bullying*, uma forma de violência própria deste contexto (Silva *et al.*, 2014; Lester *et al.*, 2017). As ocorrências de violência na escola podem acontecer em ambientes como o pátio, a sala de aula, durante o recreio, na entrada e saída e no trajeto de casa para a escola, deixando consequências como desordens psicológicas e sociais entre os estudantes (Silva *et al.*, 2014; Nesello *et al.*, 2014). A Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (Pense) apresenta nacionalmente a situação de saúde dos adolescentes escolares, com análise de indicadores como hábitos alimentares, atividade física, saúde sexual e reprodutiva, uso de álcool e outras drogas. Sobre a variável violência, segurança e acidentes, perpassa da comunidade à escola, apresentando desde cenário de violência intrafamiliar, envolvimento em brigas, até o *bullying* escolar (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2016).

Em âmbito nacional, o contexto escolar apresenta a necessidade de recursos humanos para a atuação contínua no enfrentamento à violência na escola, de modo que possa garantir a proteção e atenção integral à saúde dos estudantes. Nesta atuação, além dos membros da comunidade escolar, deve-se incluir os profissionais da saúde, de maneira que a escola possa ser reconhecida como espaço legítimo e privilegiado para ações de promoção da saúde e prevenção de agravos para com crianças, adolescentes e jovens (Brandão Neto *et al.*, 2014). O Programa de Saúde na Escola (PSE) tem como objetivo a formação integral de estudantes e o enfrentamento de vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento destes, na rede pública de ensino, tendo parceria intersetorial de profissionais de saúde e da educação no contexto escolar (Ministério da Saúde, 2011). Apresenta a saúde como a resultante de produção social, que se articula para o fortalecimento de uma atitude permanente de cidadania e empoderamento de sujeitos e coletivos, contribuindo para um ambiente escolar saudável. Dentre os temas prioritários para atuação do PSE, está a: Promoção da cultura de paz e prevenção das violências (Ministério da Saúde, 2011). Uma atuação intersetorial efetiva, necessita do fortalecimento do diálogo entre os atores da saúde e

da educação, com capacidade de compreensão das demandas reais da comunidade escolar e de planejamento coletivo de ações de saúde na escola, sendo fundamental compreender a percepção da comunidade escolar sobre a violência na escola, para dimensionar a complexidade deste fenômeno e para a construção das ações intersetoriais com a saúde (Monteiro and Bizzo, 2015; Lima *et al.*, 2018). Este estudo foi direcionado pela pergunta norteadora: *Quais as percepções dos gestores e docentes sobre a violência no contexto escolar e suas formas de enfrentamento?*

**Objetivo:** *Analisar a percepção dos gestores e docentes sobre a violência no contexto escolar e as perspectivas de enfrentamento.*

## MATERIAIS E MÉTODOS

Este é um estudo qualitativo, descritivo e analítico, realizado numa Escola Referência em Ensino Médio (EREM) da rede pública, na cidade Recife, Pernambuco. A coleta de dados foi realizada de abril a agosto de 2016, e se deu mediante entrevistas semiestruturadas, com gravação em aparelho digital, e posterior transcrição dos dados. Foram incluídos na amostra 10 membros da equipe escolar, sendo 5 membros da equipe gestora e 5 professores, com atuação regular no ensino médio durante o ano letivo em curso. As entrevistas foram analisadas a partir da Análise de Conteúdo, considerando as etapas fundamentais de pré-análise com leitura flutuante, codificação, categorização e inferência (Bardin, 2011). O conteúdo das falas dos participantes foi agrupado em categorias temáticas, sendo elas: Violência no contexto familiar e comunitário; Violências no cotidiano escolar; Papel da escola no enfrentamento à violência; A importância da formação cidadã. A pesquisa atendeu a Resolução N°466/2012, com aprovação em Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) através de parecer consubstanciado com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 55281116.6.0000.5208. Todos os participantes foram esclarecidos sobre o objetivo e métodos da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Conselho Nacional de Saúde, 2013).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

**Violência no contexto familiar e comunitário:** Todas as entrevistas iniciaram com a pergunta geral “O que você entende por violência?”, no sentido de equalizar a compreensão dos entrevistados acerca do tema em análise. Nas respostas, a percepção da violência foi entendida como atos de agressão que podem deixar sequelas de ordem física, psicológica ou emocional.

*“Violência eu entendo como um ato agressivo que pode ferir tanto fisicamente e emocionalmente. E eu acredito até que o emocional fique com mais marcas. Porque ficam os traumas, eu entendo dessa forma. Então tudo que agride, tudo que faz doer e tudo que faz sofrer é um ato de violência.” (P4)*

A violência na escola foi referida pelos participantes como um fenômeno que advém do contexto social do estudante, seja familiar ou comunitário. Foi afirmada como a reprodução de condutas e comportamentos, que são naturalizados na vivência dos estudantes, sendo, portanto, um reflexo de seus cotidianos sociais.

*“Eu acho que hoje é muito em casa, no ambiente familiar e aí eles trazem para a escola essa violência que ele encontra constantemente. [...] às vezes é uma violência de comportamento de alguns pais, a violência dentro do próprio estupro ou às vezes eles vivenciam ou percebem que as mães são violentadas, são agredidas pelos pais, pelos companheiros, pela própria rua. (P2)*

*“Eu creio que primeiro é na família. [...] a maioria já sai da família com muito rancor porque sofrem dentro de casa, porque são xingados, são mal-amados, são agredidos fisicamente também. [...] e eles querem agredir porque eles*

*são agredidos em casa. Eles querem chamar atenção, porque ele não tem atenção em casa.” (P4)*

Para os participantes, a violência escolar em sua maioria foi dita como “vinda de casa” adquirindo características de uma violência doméstica e de violência contra a mulher, que ocorre na relação conjugal entre os familiares e que vítima direta ou indiretamente o estudante. Foi percebida também como o resultado de um ambiente familiar disfuncional, onde o adolescente sofre com agressividade e com a negligência parental, sendo privados de seus direitos de cuidado e de um ambiente saudável e protetor. Diante deste cenário familiar, a naturalização da violência adentraria no cotidiano do adolescente, que tende a reproduzi-la no ambiente escolar (Oliveira *et al.*, 2018). A violência física ou psicológica no contexto intrafamiliar pode ter desdobramentos na conduta adolescente, como a violência perpetrada entre pares. Em termos comportamentais, na percepção dos participantes entrevistados, o adolescente tende a assumir a agressividade vivenciada nas suas relações interpessoais e reproduzir este comportamento em seu entorno, também nas relações escolares, com colegas, professores, gestores e funcionários, logo, o modo de relacionamento entre os integrantes da família extravasaria também para o ambiente escolar (Oliveira *et al.*, 2018). A exposição à violência e à abusos desde a infância aumentam o risco de problemas físicos e psíquicos na adolescência como, por exemplo, desordens depressivas, comportamentos sexuais de risco e desenvolvimento de obesidade (Smorti *et al.*, 2019). Estudos demonstram que aqueles que são vítimas de violência na adolescência podem apresentar comportamentos de automutilação e de tentativas de suicídio (Smorti *et al.*, 2019). Estas experiências de violência, como por exemplo a doméstica, são estressores com impacto negativo sobre a saúde dos adolescentes, capaz de despertar reações psicológicas e fisiológicas manifestas em falta de apetite, insônia, febre, cefaleia, náuseas, confusão mental, baixa concentração, esquecimento, pensamentos repetitivos, além de solidão, exclusão social, irritabilidade, raiva e comportamento de autoagressão (Parikh *et al.*, 2019). Neste sentido, a escola assume, então, uma função mediadora da socialização secundária do adolescente a partir do perfil educativo, com estímulo ao pensamento crítico, à construção de conhecimento e de cidadania, que possibilita a convivência em grupo e a inserção do sujeito na coletividade, corroborando para a construção de novos comportamentos e valores sociais democráticos, onde os professores participam como os principais atores nesse processo (Kappel *et al.*, 2014).

**Violência no cotidiano escolar:** Esta categoria se refere a natureza da violência no contexto escolar, que adquire, em sua maioria, contornos de uma violência de caráter simbólico, a partir da intimidação sistemática, ou seja, do *bullying*. O *bullying* foi percebido pelos entrevistados, inicialmente, como uma atitude relacional comum dentre os estudantes, que se inicia muitas vezes como possível “brincadeira” entre pares, mas que adquire uma estrutura de perseguição, podendo alcançar o *status* de agressão física.

*“Eu também considero um tipo de violência o bullying. Não é só qualquer brincadeira [...]” (P1)*

*“Existe muita violência, mas a gente não percebe tanto, mas começa junto com o bullying, não é? A gente vê que começa a perseguição e depois, às vezes, quando a criança já estoura, aí vem aquela agressividade, aquela violência constante deles.” (P8)*

Enquanto ocorrência de *bullying*, as violências foram identificadas a partir da linguagem, de insultos, e posteriormente resulta na violência física. Esta conduta violenta, foi percebida desde atitudes de intimidação, discriminação, ameaças com a vítima, mas também em reações de defesa, por parte da vítima de *bullying*. Estudos demonstram a ocorrência de adoecimento psicológico, isolamento social e sofrimento mental entre as vítimas de *bullying*, e também entre os agressores quando associados ao contexto de punição física no cenário intrafamiliar, sendo ambas com repercussões sobre a saúde, a qualidade de vida e o desenvolvimento saudável dos adolescentes (Oliveira *et al.*, 2018). Nas falas dos participantes, a

motivação para o *bullying* foi percebida em manifestações de preconceito, cujo julgamento deslegitima a diversidade social e se conjuga numa prática de perseguição crescente contra minorias, podendo, ou não, resultar em agressões.

*“[...] tratando-se de escola, tem a questão dos bullying, porque muitas vezes aqui na escola a gente não tem agressões físicas, mas a gente sabe que tem o preconceito contra o negro, contra o homossexual, principalmente. A gente tem um número enorme de pessoas aqui, jovens homossexuais [...] você sabe que eles são perseguidos, e recebem aqueles nomes de baixo calão [...]” (P4)*

Os participantes identificam a violência a partir do *bullying* de motivação homofóbica, racista e sexista como uma matriz de intolerância com as minorias, onde as condutas, que outrora eram percebidas como fugazes, passam a compor um cenário social de intolerância e exclusão social. Quanto a violência de motivação homofóbica, se faz necessário apoio interpessoais protetivos, a partir de professores e membros da equipe escolar, com intervenções adequadas diante de *bullying* e assédio contra as minorias sociais, que promova acolhimento em contribuição ao bem-estar e a saúde dos adolescentes, e também evite absenteísmo e evasão escolar (John *et al.*, 2019). Bem como, a construção de um ambiente saudável a partir de programas escolares que tratem sobre questões sociais e de equidade, com a atuação também de profissionais de saúde, para um ambiente seguro e solidário para a comunidade escolar (Oliveira *et al.*, 2018; John *et al.*, 2019).

**Papel da escola no enfrentamento à violência:** As falas dos gestores e docentes afirmam a escola como um possível palco que expõe as disfuncionalidades do ambiente social e particularidades da vida de cada estudante, mas por outro lado é vista também como capaz de promover mudanças nesta realidade com um papel ativo no enfrentamento à violência, numa perspectiva dialógica e inclusiva da educação. Sobre o papel da escola no enfrentamento à violência, falou-se da necessidade de trabalhar na temática de modo processual, priorizando o diálogo e apresentando conteúdos que se aproximem da realidade social dos adolescentes, como nas questões da homofobia, racismo, *bullying*, violência contra a mulher, violência doméstica, dentre outros. Esta afirmação coaduna-se às orientações de documentos da educação brasileira, a exemplo das Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (Ministério da Educação, 2013) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Ministério da Educação, 2000), além do próprio PSE (Ministério da Saúde, 2011), que assegura as temáticas a partir de conteúdos formais e transversais na educação básica.

*“A escola existe para educar. Então o papel da escola é fundamental para o processo de esclarecimento, de luta. [...] Olha, tem a justiça, tem a delegacia, tem o conselho tutelar, tem o estatuto da criança e do adolescente. –“Vem cá, tu conheces esse documento? Vem cá, que eu te mostro.” (P9)*

*“Quando a gente debate esse tema na escola e tenta resgatar isso como um debate, a gente tenta fazer com que esse aluno repense a sua postura. O que não é fácil, porque a gente está tentando combater uma prática que na comunidade dele e na casa dele é algo dito como normal.” (P10)*

Foi mencionada a perspectiva de enfrentamento com a inserção formal do conteúdo nos currículos, promovendo o debate e a reflexão sobre o contexto escolar e social. Além disso, da apresentação de instituições e documentos legais de proteção para a criança e o adolescente, esclarecendo o estudante em seus direitos, a exemplo de instâncias como o Conselho Tutelar e do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990). Entretanto, reconheceu-se também a dificuldade da continuidade do exercício educativo, seja pela ausência dos pais na relação com seus filhos, seja com a escola, gerando impactos sobre os estudantes (Santos *et al.*, 2018).

*“[...] a família a gente está tentando trazer de volta para a escola porque ela ainda assim, principalmente em escola pública, é baixo o índice de presença das famílias.” (P6)*

Destacou-se também a dificuldade de uma interlocução intersetorial, que enfraquece a perspectiva processual e resulta numa sobrecarga de trabalho exclusiva para a equipe escolar. Dentre os entrevistados não foram mencionadas parcerias efetivas, ou atividades continuadas, com profissionais de saúde, seja para o enfrentamento da violência ou por outros temas referente à saúde do adolescente.

*“Parceria não, infelizmente não né? Mesmo tendo o posto aqui junto, pertinho da escola, mas nunca teve.” (P3)*

Portanto, há a necessidade de estratégias de prevenção à violência na escola, que atuem na identificação de riscos à saúde e redes de apoio social para os estudantes adolescentes, objetivando intervenções que promovam o enfrentamento de vulnerabilidades sociais (Lima *et al.*, 2018; Oliveira *et al.*, 2018). Cabe o desenvolvimento de estratégias com olhar também sobre as famílias, numa prevenção desde à educação infantil, seja em programas terapêuticos, intervenções de aconselhamento e políticas públicas de cunho intersetorial (Lima *et al.*, 2018; Smorti *et al.*, 2018; Parikh *et al.*, 2019).

**A importância da formação cidadã:** Esta categoria apresenta as falas de entrevistados sobre o propósito da educação de crianças e adolescentes. A escola foi afirmada como um espaço social de preparo do indivíduo para o mundo, em que deve caber a discussão sobre as diversas problemáticas sociais que permeiam o cotidiano dos adolescentes, sendo uma instituição que visa a formação para a cidadania.

*“[...] mas a questão cidadã eu acho que é a principal da escola. E todas as escolas tem, eu acho, do meu ponto de vista, tem sim que ter o conceito de que todos devem ir em busca disso, dessa construção cidadã. Eu acho que isso é são, se formou isso aí, parabéns. Parabéns mesmo, pode colocar a sua nota lá em cima e não no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica).” (P6)*

*“[...] a escola é aquele meio termo que prepara o indivíduo, a pessoa para o mundo. [...] a escola é um espaço para essa discussão, para a gente falar sobre, para a gente inserir, criar, falar, abrir a mentalidade, expandir e enfim. A escola ela precisa fazer isso, porque eu não consigo ver a delegacia fazendo isso, nem o hospital. Então a instituição que eu consigo ver é a escola.” (P7)*

Estas falas condensam a importância do caráter cidadão no enfrentamento a violência. Os participantes mencionaram que o foco do setor da educação não deve se deter exclusivamente sobre a pontuação nos indicadores da educação básica com base nas médias de desempenhos dos escolares, mas ampliaram a avaliação educativa para a formação cidadã, que prepare o estudante para o assumir o seu futuro, de modo que este possa conduzir sua vida com autonomia e alcance um papel de protagonismo com capacidade de transformar a sua realidade e de seu entorno (Ministério da Saúde, 2011; Lima *et al.*, 2018).

## Conclusão

Este estudo apresentou uma análise da violência no contexto escolar, pela percepção de gestores e docentes. Foi possível perceber que a violência na escola pode se apresentar como agressões do tipo física ou psicológica, e de caráter simbólico com características de intolerância contra minorias, manifestas em práticas de *bullying* escolar. Foi afirmada a influência do cenário social do estudante para a naturalização de condutas violentas e a sua reprodução na escola. A escola foi apontada como um espaço possível para o enfrentamento à violência, a partir de atuação educativa processual pelo diálogo e inclusão social, promovendo a reflexão também sobre o contexto social, familiar e comunitário, do estudante.

Foi mencionada a importância da apresentação de documentos legais de proteção para a criança e adolescente, sendo uma forma de esclarecer o estudante quanto aos seus direitos, com inserção das temáticas nos conteúdos curriculares formais, buscando uma formação integral e para a cidadania. Apesar de ainda incipiente, cabe destacar a possibilidade de atuação intersetorial com a saúde para o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, mediante um processo articulado com as escolas, para o enfrentamento às vulnerabilidades e a construção de um espaço escolar saudável.

## REFERÊNCIAS

- Bardin L. (2011) Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70.
- Brandão Neto W, Silva ARS, Almeida Filho AJ, Aquino JM, Monteiro EMLM. (2014) Intervenção educativa sobre violência com adolescentes: possibilidade para a Enfermagem no contexto escolar. Esc. Anna Nery Rev. Enferm. 18(2): 195-201.
- Conselho Nacional de Saúde. Resolução N° 466, de 12 de dezembro de 2012. Diário Oficial da União. Seção 1, p 59. (Jun 13, 2013)
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2016) Coordenação de população e indicadores sociais. Pesquisa Nacional de Saúde Escolar. Rio de Janeiro: IBGE.
- John MM, Poteat P, Horn SS, Kosciw J. (2019) Strengthening our schools to promote Resilience and Health among LGBTQ Youth: Emerging evidence and research priorities from The State of LGBTQ Youth Health and Wellbeing Symposium. *LGBT Health*. 6(4): 146-155.
- Kappel VB, Gontijo DT, Medeiros M, Monteiro EMLM. (2014) Enfrentamento a violência no ambiente escolar na perspectiva dos diferentes atores. *Interface comun. saúde. educ*. 18 (51): 723-35
- Lei N° 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União (Set 27, 1990).
- Lester S, Lawrence C, Ward CL. (2017) What do we know about preventing school violence? A systematic review of systematic reviews. *Psychology Health and Medicine*. 22(1): 187-223.
- Lima AWS, Mongiovi VG, Marinus MWLC, Lima LS. (2018) Educação em saúde na ou com a escola? *Rev Enferm UFPE On line*. 12(6): 1790-9.
- Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Brasília; 2000.
- Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação continuada, alfabetização, diversidade e inclusão. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Brasília; 2013.
- Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Programa de Saúde na Escola - passo a passo: Tecendo caminhos da intersetorialidade. Brasília; 2011.
- Monteiro PHN, Bizzo N. (2015) A saúde na escola: análise dos documentos de referência nos quarenta anos de obrigatoriedade dos programas de saúde 1971-2011. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. 22(2): 411-27.
- Nesello F, Sant'Anna FL, Santos HG, Andrade SM, Mesas AE, González AD. (2014) Características da violência escolar no Brasil: revisão sistemática de estudos quantitativos. *Rev. bras. saúde matern. infant. (Online)* 14 (2): 119-136
- Oliveira WA et al. (2018) Revisão sistemática sobre bullying e família: uma análise a partir dos sistemas bioecológicos. *Rev. Salud Pública*. 20 (3): 396-403
- Oliveira WA, et al. (2018) Variáveis associadas à prática de *bullying* em uma amostra nacional de estudantes. *Adolesc Saúde*. 15:2:69-80
- Parikh R, Sapru M, Cujipers P, Patel V, Michelson D. (2019) “It is like a mind attack”: stress and coping among urban school-going adolescents in India. *BMC Psychology*. 7(31): 1-9.
- Santos RM, Gomes NP, Mota RS, Gomes NP, Couto TM, Araújo GS. (2018) Reprovação escolar e aspectos sociais e de saúde: estudo transversal com adolescentes. *Rev. baiana enferm*. 32: 1-11
- Silva MAI, Silva JL, Pereira BO, Oliveira WA, Medeiros M. (2014) O olhar dos professores sobre o *bullying* e implicações para atuação da Enfermagem. *Rev. Esc. Enferm. USP (online)* 48(4): 723-30
- Smorti M, Milone A, Gonzalez JG, Rosati GV. (2019) Adolescent selfie: na Italian Society of Paediatrics survey of the lifestyle of teenagers. *Italian J of Pediatrics*. 45(62): 1-14.

\*\*\*\*\*